



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM CONTEXTOS ESCOLARES**

ESTIMULAÇÃO AUDITIVA E TÁTIL EM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
possibilidades de construção da percepção entre corpo e espaço.

Rodrigo Aparecido Estevão
Nº de Matrícula: 112790031A
Polo: Bicas

Juiz de Fora
2019

RODRIGO APARECIDO ESTEVÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

ESTIMULAÇÃO AUDITIVA E TÁTIL EM CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL:
possibilidades de construção da percepção entre corpo e espaço.

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Orientador (a): Prof^a Ms. Luciane Aparecida Nobre

Juiz de Fora
2019

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Estevão, Rodrigo Aparecido.

Estimulação auditiva e tátil em crianças com deficiência visual : possibilidades de construção da percepção entre corpo e espaço / Rodrigo Aparecido Estevão. -- 2019.

31 f. : il.

Orientadora: Luciane Aparecida Nobre

Trabalho de Conclusão de Curso (especialização) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Educação. Especialização em Educação Inclusiva em Contextos Escolares, 2019.

1. Estimulação sensorial. 2. Espaço. 3. Corpo. 4. Deficiência visual.
I. Nobre, Luciane Aparecida, orient. II. Título.

RODRIGO APARECIDO ESTEVÃO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Especialização em Educação Inclusiva em contextos escolares, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial a obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Ms. Luciane Aparecida Nobre - Orientadora

Avaliador 1 – Prof. Dr. Neil Franco Pereira de Almeida
Universidade Federal de Juiz de Fora – UAB

Avaliador 2 - Prof. Ms. Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins
Universidade Federal de Juiz de Fora – UAB

Juiz de Fora
2019

AGRADECIMENTOS

Neste momento de grande alegria, venho agradecer ao “Poder Supremo” por me proporcionar a conclusão de mais uma etapa da vida acadêmica. Ele sabe o quanto esperei pela oportunidade de cursar tal formação. Seguir estudando na área da Educação Especial e Inclusiva é a realização de um estilo de vida: acreditar e trabalhar pelo/com as pessoas com deficiência. Em especial, a Deficiência Visual que vem me ensinando a ver o mundo de forma mais ampla. Pois “os sentidos tem raízes pelo corpo inteiro.”

Agradeço aos meus pais, irmãs e sobrinhos por acreditarem no meu potencial e postura de resistência frente à precarização do sistema educacional, bem como entenderem alguns momentos de ausência, pois sabem que é por motivo justo.

Ao Curso de Pós-graduação em Educação Inclusiva em Contextos Escolares da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) sob a coordenação da professora Sandrelena Monteiro por ser/estar solícita aos pedidos, orientando, esclarecendo e propondo soluções.

Aos professores e tutores deste curso que fizeram o possível para que a qualidade do mesmo fosse ímpar. Aproveito a oportunidade para estender este agradecimento, de maneira especial, à professora Luciane Nobre por me orientar de forma leve, profissional e responsável para maior garantia de sucesso nesta empreitada.

Aos colegas e amigos que também partilham deste momento comigo, sobretudo àquelas que desde o primeiro contato pela plataforma do curso, gentilmente responderam à solicitação de fazermos em grupo o percurso de Belo Horizonte a Bicas por ser um “tanto bão de chão” (Risos). Ao dialogar com elas, descobri que eu não havia sido o único a confundir Bicas com a cidade São Joaquim de Bicas que fica perto daqui, mas por tradição ser conhecida somente por Bicas, confundimos. Além disso, fomos parceiros em tantas atividades, ajudando-nos mutuamente. São elas: Célia Bittencourt, Dayse Cristina, Raquel Lilian e Yone Marinho.

À gestão da instituição escolar em que foi desenvolvida esta intervenção pedagógica, bem como à supervisão e professora pela confiança e apoio.

Aos “pequeninos” alunos da turma multiseriada do 1º/2º anos pela espontaneidade, alegria e primordial contribuição para o processo de conclusão deste trabalho.

Ademais, os meus sinceros agradecimentos às professoras: Denise Stehling, Jacqueline Almeida, Juliana Crepaldi, Márcia Batista, Neffer Pinheiro e Rosimeire Silva por responderem de forma cuidadosa às entrevistas construídas ao longo deste curso.

Por fim, não menos importante, a minha gratidão aos órgãos das áreas da Educação e Saúde de Belo Horizonte pelas informações prestadas, participando deste importante processo de formação.

RESUMO

O presente trabalho propõe apontar possibilidades de recursos e estratégias pedagógicas ao desenvolvimento dos sentidos remanescentes, sobretudo o tato e a audição, em crianças com deficiência visual em uma instituição no estado de Minas Gerais. De acordo com estudos na área da medicina, frente à perda de algum sentido os demais entram num processo de compensação. Neste sentido, ativar tais sentidos é de suma importância para uma efetiva integração no ambiente escolar e extraescolar, contribuindo também na ampliação da autonomia a partir da interação entre corpo e espaço. Este projeto de intervenção pedagógica busca, ainda, apresentar de maneira crítica e dialógica relatórios de sua prática que se apoiou na seguinte metodologia: apreciação e identificação de sonoridades do cotidiano, escuta e leitura dramática de narrativas literárias para (re)conhecimento de elementos concretos presentes nestas histórias. Além disso, exercícios e jogos teatrais, possibilitando uma prática educacional emancipatória, igualitária e diversificada rumo ao processo de inclusão socioeducacional.

Palavras-chave: Estimulação sensorial. Deficiência visual. Corpo. Espaço.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	7
2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO.....	8
3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO.....	9
4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA.....	9
5 OBJETIVO GERAL.....	11
6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO.....	11
8 CRONOGRAMA.....	12
9 RELATORIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA.....	13
10 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
11 REFERÊNCIAS.....	23
12 ANEXOS.....	25
ANEXO A.....	25
ANEXO B.....	27
ANEXO C.....	28

1 INTRODUÇÃO

Os sentidos do corpo humano possuem um papel de suma importância na relação do corpo consigo mesmo, com o outro e o ambiente. Cada um dos sentidos possui suas particularidades que os diferem uns dos outros. Entretanto, eles interagem entre si para que haja uma plena integração entre corpo e espaço. Na ausência de um deles, os demais passam por um processo de compensação para tentar suprir as dificuldades encontradas.

No caso da falta da visão, que será o objeto desta intervenção, a propriocepção fica em defasagem. Há prejuízo na percepção, orientação e deslocamento do próprio corpo em relação ao campo espacial. Então, muitas atividades do cotidiano que envolvem o movimento corporal ficam comprometidas. Neste sentido, o desenvolvimento de estratégias e procedimentos para a ativação dos sentidos remanescentes poderá colaborar na solução dessa problemática, desenvolvendo a autonomia do corpo em relação ao espaço. Para isso, serão usados exercícios, jogos teatrais e narrativas literárias.

Ver é uma experiência que vai além do sentido da visão. É perceber/sentir/conhecer/tocar/relacionar/experimentar. Experiência que está inscrita no corpo, presença do ser humano no mundo, e, está originalmente familiarizado com o contexto em que se compreende/insere (...). O “deficiente visual” também vê, mas vê de uma maneira particular, diferente, única, como qualquer outro ser humano. Afinal, a percepção de mundo se dá a partir de cada indivíduo, seja ele cego ou vidente. (CARVALHO; FERNANDES, 2007, p. 04)

O sentido da visão é responsável por uma percepção imediata e macro do mundo. Negar a importância da sua função seria hipocrisia. Porém, colocá-lo em posição de supremacia, em detrimento dos demais sentidos, seria desconsiderar as possibilidades de atuação destes outros. Consequentemente, resultaria numa postura de alienação perante a vida.

Com efeito, o corpo é um dos principais elementos que nos presentifica no mundo, juntamente com os órgãos dos sentidos, originando sensações, emoções, impressões e experiências que podem propiciar uma interação mais eficiente com o outro. Diante do exposto, opto por idealizar e desenvolver uma pesquisa junto a alunos com deficiência visual, uma vez que a infância seja a fase inicial do desenvolvimento humano.

O leitor deste trabalho irá encontrar a seguinte organização: identificação da situação problema/questão, em que há a apresentação da problemática de pesquisa; a descrição do que fez o proponente deste projeto eleger tal problema/questão, relatando o motivo da escolha do mesmo; a justificativa da importância de estudar tal questão e não outra, onde o autor justifica a problemática de estudo. Em seguida, aponta o objetivo geral, e também, os específicos que

nortearam o processo e produto desta atividade; as alternativas escolhidas para a intervenção, onde são apontados os referenciais bibliográficos, bem como recursos e estratégias para a realização da mesma.

Posteriormente, encontrarão um cronograma base para apresentar didaticamente o conteúdo programático num determinado tempo; o relatório de desenvolvimento do projeto de intervenção pedagógica, revelando os momentos da execução das atividades propostas. Por fim, as considerações finais, referências e anexos, onde há a transcrição de exercícios, jogos e narrativa literária, além de registros imagéticos do espaço e elementos utilizados nos encontros.

2 IDENTIFICAÇÃO DA SITUAÇÃO PROBLEMA/QUESTÃO

As práticas docente, pedagógica e gestora, muitas vezes, são concebidas a partir da perspectiva de uma pessoa sem uma deficiência aparente, inclusive em instituições na modalidade de ensino especial. Com isso, a idealização e produção do trabalho não contempla o contexto de alunos com necessidades educativas especiais e/ou deficiências. Embora haja o desejo em atendê-los, muitas vezes, as intervenções são focadas nas limitações, em detrimento das potencialidades dos mesmos. Sendo assim, atividades que envolvam a orientação e mobilidade do corpo no espaço e a necessidade de audiodescrição (para alunos com deficiência visual), são deixadas de lado ou desenvolvidas de maneira inapropriada e inadaptada.

Além disso, quando o trabalho é realizado pelos profissionais da educação, nem sempre as famílias estão disponíveis a darem continuidade em casa às ações educativas propostas, visando um atendimento mais adequado e de qualidade para o melhor desenvolvimento das habilidades dos mesmos.

Observo que o ambiente escolar para a criança com deficiência tem sido regularmente, um espaço de reprodução da exclusão. Nesta oportunidade, aproveito para fazer um recorte acerca do universo da cegueira, deficiência esta que necessita do desenvolvimento diferenciado na aprendizagem da relação entre corpo e espaço para uma maior autonomia nas interações do cotidiano humano.

Nesse sentido, vejo que a construção de medidas e estratégias para o desenvolvimento da orientação espacial e mobilidade possam ser ferramentas na inclusão de crianças cegas e com baixa visão no ambiente escolar e social, bem como uma proposta na diminuição de situações excludentes. Diante do exposto, deixo a seguinte questão: Como o corpo da pessoa

cega ou com baixa visão se apropria do espaço em que se insere, sentindo-se pertencente a ele, uma vez que este é projetado por/para um vidente?

3 DESCRIÇÃO DO QUE TE FEZ ELEGER TAL PROBLEMA/QUESTÃO

Trabalhei até o final de 2018 numa instituição escolar para pessoas com deficiência visual (cegos e baixa visão) e múltiplas deficiências. Percebi a grande dificuldade de interação entre corpo e espaço. Além do mais, rigidez muscular em demasia, desequilíbrio corporal, desorientação espacial, dentre outros aspectos, sendo uma situação desafio à minha prática docente. O atendimento, nessa instituição, é realizado a crianças, adolescentes, adultos e idosos. Penso que desde a mais tenra idade, o desenvolvimento de atividades pedagógicas que possam contribuir na mudança de comportamento, ampliando a qualidade de movimento corporal em relação ao espaço a partir da percepção auditiva e tátil seja um caminho de suma importância, uma vez que configure uma das principais formas de interação com o mundo. Dessa maneira, opto por desenvolver tal projeto com alunos de 7/8 anos, numa turma multiseriada do 1º/2º anos do Ensino Fundamental, sendo 5 meninos e 3 meninas, totalizando 8 alunos, 7 cegos e 1 com baixa visão, instituição educacional referência na área de deficiência visual em Minas Gerais/Brasil.

À luz da teoria de Boal (2012) exercícios e jogos teatrais voltados ao desenvolvimento sensorial e às narrativas literárias de Pimenta e Torero (2010), Laban (1978) acerca dos elementos componentes do movimento corporal; contribuições de Machado (2003) a respeito da orientação e mobilidade que são de ampla importância na relação do sujeito na elaboração e interação com o espaço, e, ainda, apontamentos de Torres (2015) sobre aspectos da história de lutas e conquistas da pessoa com deficiência visual, dentre outros conhecimentos, possibilitaram a investigação para a construção deste trabalho.

4 JUSTIFICATIVA DA IMPORTÂNCIA DE ESTUDAR TAL QUESTÃO E NÃO OUTRA

A relevância desta intervenção vai ao encontro de um corpo que possui a necessidade de se comunicar e expressar por meio de atividades artísticas e do cotidiano de modo independente, apesar de uma limitação sensorial. Um corpo que se movimenta, possui vontades, cumpre tarefas e deixa no ambiente seus rastros.

O ato de ir e vir oportuniza ao ser humano uma liberdade de locomoção indescritível. E garantir à pessoa com deficiência visual essa prática é fundamental para a valorização do sujeito para além da sua condição. Neste aspecto, a orientação e mobilidade poderão oferecer importante e eficiente suporte em busca da concretização desse direito.

A criança “deficiente visual” cresce e se desenvolve de forma semelhante àquelas pessoas que enxergam devido ao crescimento ser sequencial e as etapas poderem ser identificadas. Porém, apresenta diferenças, cada criança se desenvolve de acordo com seu ritmo e potencialidades, apesar de sua limitação visual. Ainda assim, as semelhanças entre as crianças são maiores que as diferenças. (MACHADO, 2003 apud SCHOLL, 1993, p.23)

No intuito de oferecer igualdade de oportunidades às crianças com deficiência visual, bem como desmistificar a ideia de incapacidade, improdutividade e inferioridade que permeia boa parte do imaginário social, faz-se necessário o desenvolvimento desta pesquisa.

O presente projeto de intervenção pedagógica se pautará no desenvolvimento de atividades teatrais (exercícios e jogos) e sonoridades a partir de narrativas literárias que visam despertar os sentidos remanescentes, principalmente a audição e o tato com o objetivo de ganho de autonomia corporal, pois são eles os principais sentidos usados na interação com o mundo quando a visão é eliminada. Para corroborar com esta afirmação, Torres e Santos (2015) esclarecem que

para os estudantes cegos, a principal via de apreensão de informações são os sentidos remanescentes, geralmente o tato e a audição. Nesse sentido, como já foi exposto anteriormente, no desenvolvimento de materiais adaptados, deve-se levar em consideração essa informação. (p. 33)

Com isso, podemos pensar na importância do uso de materiais como objetos do cotidiano que serão explicitados nas narrativas literárias: revistas, jornal, frutas diversas, rádio, folhas secas, abóbora, algodão, suspiro e outros, que serão, posteriormente, manuseados e identificados; instrumentos musicais para exploração das sonoridades; objetos que compõem o espaço, dentre eles: cadeiras, pneus, mesas, tapetes, portas, parede, janelas etc. Em alguns momentos, também será utilizado o tapa olho pelo aluno com baixa visão para que todos tenham as mesmas condições sensoriais para a participação em exercícios e jogos em que o sentido da visão não será utilizado.

Dessa maneira, buscarei explorar o aspecto lúdico, tão presente no universo infantil, por meio da expressão corporal. Conseqüentemente, contribuir para o atendimento às necessidades de interação com o ambiente, promovendo situações significativas aos alunos. Para isso serão usadas atividades envolvendo conceitos corporais, como: imagem corporal, níveis corporais, ritmo, tempo, peso, fluência, interrupção, lateralidade e direcionalidade.

5 OBJETIVO GERAL

- Ampliar a percepção dos sentidos remanescentes, sobretudo auditivo e tátil, para a aquisição de maior autonomia corporal em relação ao espaço, a partir da prática de brincadeiras, exercícios, jogos e sonoridades presentes nas narrativas literárias, utilizando instrumentos musicais e objetos do cotidiano.

6 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estimular a percepção motora e cinestésica;
- Experienciar a relação entre movimento corporal e sons;
- Identificar objetos e sons no uso cotidiano e cênico;
- Desenvolver a capacidade de imaginação e criatividade por meio da contação de histórias;
- Incentivar o uso da linguagem verbal e não verbal.

7 ALTERNATIVAS ESCOLHIDAS PARA A INTERVENÇÃO

O presente projeto de intervenção terá a duração de 6 semanas com 1 encontro semanal de 50 minutos. Ele acontecerá numa sala ampla de Educação Física do Instituto, no período de 9h50 às 10h40. Haverá a identificação de objetos, alimentos e instrumentos musicais (algodão, pena, morango, melancia, grama, sorvete de limão, pandeiro, chocalho, pau de chuva, triângulo, agogô, etc), aspectos sonoros e suas utilidades, bem como sons do cotidiano, dentre eles: buzina, sirene, apito; chuva, vento. Além disso, a apreciação da narrativa de histórias, como “O Livro Negro das Cores” e “Chapeuzinhos Coloridos” com estímulos auditivos e táteis a partir da utilização de objetos e instrumentos musicais, bem como a utilização de exercícios e jogos, embasados nas categorias “sentir tudo o que se toca” e “escutar tudo o que se ouve” da obra de Boal (2012); Laban (1978) com os elementos do movimento corporal e jogos infantis da obra de Rabelo e Pimentel (1991).

Desse modo, pretendo desenvolver atividades que possam potencializar os sentidos remanescentes, estimulando a imaginação e criatividade, bem como as sensações e percepções cinestésicas, contribuindo para que os alunos possam desenvolver a própria autonomia corporal em relação ao espaço.

8 CRONOGRAMA

CRONOGRAMA	
MÊS/DIA	ATIVIDADES
Mar/04	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Reunião com professora regente da turma e coordenação pedagógica para apresentação do Projeto de Intervenção Pedagógica e envio da Carta de Consentimento para participação no projeto aos pais e/ou responsáveis pelos alunos.
Mar/06	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Construir roda de conversa para orientações gerais e combinados. ✓ (Re)conhecer sons do cotidiano. ✓ Realizar individualmente movimento corporal associando aos sons apreciados. ✓ Jogo: Cabra-cega * (p. 95) ✓ Avaliação da aula.
Mar/11	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Jogo: Bom dia * (p. 97) ✓ (Re)conhecer sons do cotidiano pendentes no encontro anterior; ✓ Apreciar contação de história “Chapeuzinhos Coloridos” (Chapeuzinho Verde) ✓ Distinguir objetos utilizados nas histórias contadas através do tato e audição. ✓ Avaliação da aula.
Mar/18	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Apreciação da história “Chapeuzinhos Coloridos” (Chapeuzinho Cor de Abóbora). ✓ Discernir objetos utilizados nas histórias contadas através do tato e audição. ✓ Jogo: Descobrir o objeto ** (p. 181) ✓ Avaliação da aula.
Mar/25	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Exercício: Dividir o movimento ** (p. 123) ✓ Exercício: Corrida em câmera lenta ** (p. 125) ✓ Apreciação da história “Chapeuzinhos Coloridos” (Chapeuzinho Lilás) ✓ Distinguir objetos utilizados nas histórias contadas através do tato e audição. ✓ Avaliação da aula.
Abr/01	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Exercício: O balão como prolongamento do corpo** (p. 121) ✓ Apreciação da história “Chapeuzinhos Coloridos” (Chapeuzinho Preto) ✓ Identificar objetos utilizados nas histórias contadas através do tato e audição. ✓ Exercício: Música e dança ** (p. 165) ✓ Avaliação da aula.
Abr/08	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Apreciação de história 1 “O Livro Negro das Cores”. ✓ Identificar objetos utilizados nas histórias contadas através do tato e audição. ✓ Apreciação da história 2 “Chapeuzinhos Coloridos” (Chapeuzinho Branco) ✓ Identificar objetos utilizados nas histórias contadas através do

	<p>tato e audição.</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Construção de história em dupla utilizando elementos sonoros e táteis. ✓ Avaliação final do projeto de intervenção.
--	---

* Livro: 268 Jogos Infantis.

** Livro: Jogos para atores e não atores.

9 RELATÓRIO DE DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Dia 04 mar 2019, às 8h

Realizada uma reunião entre o professor proponente do projeto de intervenção pedagógica, a professora Regente da Turma Multisseriada (1º e 2º anos) e a Supervisora Pedagógica do Instituto.

Apresentado o Projeto de Intervenção e estipulado os dias 06, 11, 18 e 25/03; 01 e 08/04 para a prática do mesmo com os alunos.

Entregue uma cópia do projeto a elas e à diretora. Encaminhado Termo de Consentimento aos pais e/ou responsáveis para a oficialização da participação dos 8 alunos da classe, uma vez que fui docente da turma no ano passado no Projeto de Artes Cênicas existente na escola.

Assinada pela direção da instituição a Autorização do Uso de Imagem da área física da sala onde ocorrerão os encontros.

1º Encontro – 06 mar 2019, às 09h50.

“Se escutamos música, nosso corpo descansa com a melodia das notas. Se ficamos em repouso e prestamos sentido aos ruídos, nosso pensamento viaja. Visita montanha e planície. Primavera e verão. Escutar é também um jeito de ver.”
(QUEIRÓS, 2009, p. 11)

Numa sala ampla, onde acontecem as atividades da disciplina de Educação Física e sobre um tatame verde, fomos todos acolhidos: alunos, professora regente e eu.

Realizamos uma roda de conversa com os 5 alunos presentes para as informações básicas do projeto, inclusive sobre os exercícios, jogos e narração de histórias.

Na sequência, foi apreciada e identificada uma sequência de sons do cotidiano (miado de gato filhote, chuva, buzina, mar, avião, lobo, criança sorrindo, trem de ferro, burro, relógio despertando, bebê chorando, moto serra, grilo, cavalo, piano, leão, cachorro). Três sons não foram identificados: mar, motosserra e despertador. Foram confundidos com vento,

motocicleta e telefone tocando, respectivamente. Este exercício aguçou muito o interesse e curiosidade dos alunos e durou mais tempo do que o previsto. Solicitaram que houvesse a repetição de quase todos os sons, mesmo após a identificação. Para a pessoa com deficiência visual, sobretudo cega, “escutar é também um jeito de ver”, relata Queirós (2009, p.11).

Foram criados movimentos a partir dos sons identificados. Observamos boa criatividade de alguns alunos, porém com gestos tensos, rígidos. Um dos maiores desafios a ser superado pelo corpo com deficiência visual ainda é o relaxamento para a aquisição de fluidez do movimento, porém é desejável um trabalho de ganho de segurança espacial, já que o corpo se relaciona diretamente com o ambiente ao qual se insere.

Por meio do sentido da audição, pessoas com deficiência visual, conseguem interagir com maior autonomia com o mundo, sobretudo em momentos que podem oferecer risco de acidente como por exemplo: som dos carros ao atravessar a rua, de trovão e relâmpago indicando possibilidade de um temporal, dentre outros.

Na realização do jogo “Cabra Cega” (PIMENTEL; RABELO, 1991, p. 95), Iniciamos memorizando algumas frases mágicas do diálogo entre a Cabra cega e as crianças: “- Cabra cega, de onde vem? – Do moinho do vento. – O que trouxe? – Fubá e melado. – Dai-nos um pouquinho? – Não.” Optamos por oferecer vendas a todos os alunos na tentativa de não criar uma possível resistência de um aluno com baixa visão em ter de usá-la sozinho. Todos ficaram eufóricos para usar as vendas, pois foi novidade para eles. Todos foram bastante receptivos ao uso, exceto uma aluna cega que chamarei de Beta. Ela se mostrou resistente ao uso da mesma. Esta aluna apresenta, possivelmente, um quadro de defensividade tátil¹ ou seria apenas episódios de negação a determinadas atividades e situações? Desde o ano passado, quando lecionei na turma dela, percebi a dificuldade em segurar nas mãos dos colegas, segurando apenas a mão da professora regente e a minha, bem como a negativa em realizar outras tarefas. Comentei com a professora regente a respeito de uma possibilidade de encaminhamento à terapia ocupacional que irá trabalhar com atividades específicas, voltadas à estimulação precoce e integração sensorial para que a aluna possa ter um dia a dia mais confortável.

¹ Defensividade tátil - refere-se a respostas observáveis negativas ou aversivas a alguns tipos de experiência tátil que a maioria das pessoas não considera desagradável ou dolorosa. Existe um componente emocional exagerado em relação a toque de outras pessoas ou certas texturas. Assim, pentear o cabelo pode ser uma experiência dolorosa para algumas crianças e a água do chuveiro pode parecer agulhas caindo sobre a pele. É considerado um distúrbio de modulação de entrada sensorial. Um assunto que ainda é pouco conhecido pela população e que merece nossa atenção e conhecimento.

Neste primeiro encontro, perdemos a noção do tempo, e provavelmente, o plano de aula estivesse grande. Logo, não foi apreciada a contação de história do “Senta aí... tá chegando história!” nem identificado símbolos significativos da mesma. Desse modo, foram realizados os reajustes no cronograma para se adequar ao tempo de cada aula que é de 50 minutos.

Avaliação positiva deste encontro.

2º Encontro – 11 mar 2019, às 09h50.

“Pela pele experimentamos as sensações de calor, frio, dor, prazer. Pisando a terra, nossos pés sentem a sua aspereza ou suavidade. O inverno nos envolve com o frio e desejamos estar na cama. (...) Há sons que fazem arrepiar o nosso corpo. Há medos que nos fazem tremer. A pele é raiz cobrindo o corpo inteiro.” (QUEIRÓS, 2009, p. 16)

Iniciamos com um jogo chamado “Bom dia” (PIMENTEL; RABELO, 1991, p. 97) que contou com 5 participantes, similar à quantidade de alunos no encontro anterior. Neste jogo, o aluno com baixa visão colocou a venda. Após o deslocamento do círculo para o lado direito, foi solicitado que ao parar, os alunos deveriam estender o braço para frente e na altura do próprio ombro para que o aluno do centro pudesse encostar a mão no braço do escolhido para pronunciar o bom dia. Houve identificação imediata das vozes pela audição. Entretanto, houve uma voz que não foi identificada. Então, a “variante” do jogo foi utilizada, ou seja, o uso do tato, passando a mão no rosto do colega do círculo, sendo assim, possível o reconhecimento.

Na sequência, foi permitida uma segunda oportunidade de identificação dos sons do cotidiano pendentes do 1º encontro. Foram regravados na seguinte ordem: o som não identificado e o som “confundido”, isto é, o mar e vento; motosserra e motocicleta; despertador e telefone tocando. Isso para que pudessem ter maior possibilidade de realizar a comparação de maneira sequencial, e conseqüentemente, maior potencial de diferenciação e (re)conhecimento. Realmente, houve um resultado favorável, sendo diferenciados e (re)conhecidos todos os sons.

Por fim, foi feita a apreciação da história Chapeuzinho Verde (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 22) no “Senta aí... tá chegando história”. Ao término da história, foi proposta a identificação tátil de alguns elementos presentes na história: dinheiro (cédula e moeda) e limão. Esta fruta foi confundida com laranja e mexerica. Neste instante, solicitei que usassem também o olfato na tentativa de auxiliar na descoberta. No entanto, a maioria dos alunos continuou afirmando ser outra fruta. Embora o foco do projeto seja nos sentidos tato e audição, em alguns momentos, outros sentidos remanescentes serão explorados, devido à

importância deles no cotidiano de qualquer indivíduo, independente de ter uma deficiência aparente ou não.

3º Encontro – 18 mar 2019, às 09h50.

“Com a boca sentimos o sabor das coisas: o doce, o amargo, o azedo, o suave, o forte. O gosto do doce de leite traz a lembrança da mãe na beira do fogão e escutamos ainda o ruído da colher raspando o fundo do tacho. (...) O sabor encurta o tempo. Descobrimos que cada gosto guarda uma história. (...) O doce nos faz imaginar o amargo e não deixa morrer o gosto da nossa saudade.” (QUEIRÓS, 2009, p. 14)

Antes da chegada da turma, foram distribuídos sobre o tatame verde alguns objetos. Dentre eles: mala, corda, colchonete, cadeira, bambolê, garrafa de plástico pneu, instrumentos musicais, como tambor, triângulo, pandeiro, chocalho.

Neste dia, tivemos a presença de sete alunos. Iniciamos com o exercício “Descobrir o objeto” (BOAL, 2012, p. 181). Fizemos a Identificação e exploração dos objetos no espaço, permitindo que os alunos fossem até os objetos para exercitar a autonomia, ao invés de levá-los até eles. Os alunos foram orientados a colocarem as mãos para trás e usarem todo o restante do corpo. Observamos a insistência em utilizarem as mãos, isso pode nos mostrar o quanto há de automatismos e pressa na interação do tato com tudo que nos cerca, mesmo a pele sendo o maior órgão do corpo humano e a infinidade de possibilidades de percepções táteis que pode haver em outras partes do corpo, concentramos nas mãos. Após a repetição dos comandos, conseguiram concluir o exercício, mas alguns ainda continuaram usando as mãos.

Em seguida, foi solicitado que identificassem e explorassem algumas características dos objetos escolhidos, como: tipo de material, formato, espessura, tamanho, textura, etc. Tiveram certa facilidade para reconhecer e contar aos demais colegas a respeito das características dos objetos após um questionamento dirigido sobre os objetos escolhidos.

Na sequência, o “Senta aí... tá chegando história” com a contação da narrativa Chapeuzinho Cor de Abóbora (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 14). Logo após, fizemos a apresentação de alguns elementos da história para identificação, utilizando os seguintes sentidos: tato, olfato e paladar. Desta vez, os alunos reconheceram a abóbora moranga, maçã e banana. Além de degustarem os dois últimos elementos.

No intuito de esclarecer uma dúvida dos alunos no encontro anterior, foram apresentados a eles: laranja, limão e mexerica para que pudessem por meio do olfato e tato, perceberem as diferenças e esclarecer as dúvidas.

Inclusive, após este mesmo encontro, solicitei um feedback à professora regente da turma sobre os 2 encontros concluídos. Ela fez uma avaliação positiva sobre a importância do uso da audição e do tato na interação corpo e espaço para o ganho de autonomia, porém com a seguinte ressalva: o olfato é também muito importante na interação da pessoa com deficiência visual com o mundo.

Então, agradei pela importante observação e pontuei que tal sentido seria contemplado na intervenção, mas os sentidos já citados anteriormente terão uma atenção especial, em função do foco do projeto. Ponderei ainda, que no momento próximo ao final, em que ela precisou sair com uma aluna para ir ao banheiro, o olfato foi requisitado para identificar uma fruta, inserindo este sentido na aula.

Antes de serem interrogados sobre a aula do dia, um aluno disse: “– Adorei essa aula do paladar.”

E para continuarem tendo a oportunidade de aproveitar do “sabor e saber” da aprendizagem, levaram mexerica para casa. Ela tem em sua grafia a palavra mexer que indica mover-se, deslocar-se, pôr-se em movimento, configurando o dinamismo da vida. Assim é também o processo de aprendizagem: dinâmico.

4 ° Encontro – 25 mar 2019, às 09h50

“Com os olhos nós olhamos a vida. Olhamos as águas rolando entre pedras, peixes, algas. Olhamos as terras generosas onde vivem animais, frutos, sementes. Olhamos o firmamento decorado com Sol, Lua e infinitas estrelas. (...) Olhar é fantasiar sobre aquilo que está escondido atrás das coisas.” (QUEIRÓS, 2009, p. 8-9)

Neste dia, ao chegar à escola, fui abordado pela psicóloga da instituição que comentou sobre as impressões da mãe da aluna Beta, mencionada no 1º encontro. Informa que a mãe relata estar muito feliz porque a filha está gostando da intervenção pedagógica, participando das atividades propostas, embora em casa, nega-se a fazer muitas coisas.

Preparamos o ambiente com cordas afixadas ao chão em linhas retas, paralelas e equidistantes entre si para a realização de 2 atividades: 1º - Dividir o movimento (BOAL, 2012, p. 123) e Corrida em câmara lenta (BOAL, 2012, p. 126).

Optamos pela realização da decupagem do movimento sobre a corda com os braços abertos para auxiliar no equilíbrio corporal. Os alunos iniciaram a caminhada sobre a corda, passo a passo. Porém, foi observado alunos andando lateralmente. Pedi que caminhassem pelo espaço como se estivessem caminhando dentro da escola ou na rua. Houve também aluno com tendência a arrastar o pé. Em seguida, solicitei que marchassem como soldados, de modo que

todos os presentes pudessem ouvir os próprios pés tocando o chão. Observei que foi difícil o entendimento da orientação para os exercícios, por parte de alguns alunos.

Um aluno por nome Delta informou não estar sentido a corda sob os pés. Reclamou que não estava conseguindo desenvolver a tarefa. Insisti para continuar tentando o contato entre o pé e a corda que iria conseguir. Então, pensei que talvez por ele ter diabetes, estava tendo tal dificuldade, pois é sabido que esta patologia afeta de maneira considerável a percepção tátil. Por fim, ele conseguiu.

Após o uso destas outras estratégias para o entendimento da orientação, desenvolveram melhor as atividades, divertindo-se e dispensando maior atenção às mesmas. No momento da “Corrida em câmera lenta”, houve um suporte musical de motivação que remeteu à corrida de “São Silvestre”, em São Paulo – Brasil: Chariots of fire, de Vangelis (1981).

Na sequência, “Senta aí... tá chegando história” – Chapeuzinho Lilás (PIMENTA; TORERO, 2010, p. 40). Depois da leitura dramática, a identificação de elementos presentes na história: jornal e revista de fofocas, rádio; a partir de aspectos como textura, cheiro e tamanho das páginas, formato e material do rádio e acessórios.

Alguns alunos falaram que aprenderam uma lição: “Não devemos falar mal dos outros...”

Com efeito, foram realizadas algumas observações acerca do encontro do dia: desequilíbrio (movimento de flexão e extensão dos membros inferiores em maturação na maioria deles), baixa expressividade na marcha reforçando a importância do incentivo à estimulação à qualidade do movimento corporal das crianças para a aprendizagem e desenvolvimento motor das habilidades fundamentais, como: saltar, correr, pular, rolar, dentre outras. Ademais, muita alegria em caminhar sobre a corda, recebendo o suporte da professora regente da turma e do professor responsável pela intervenção. Vale destacar que o apoio da professora tem sido muito significativo para o desenvolvimento deste trabalho até o presente momento, realizando apontamentos importantes para a condução desta intervenção pedagógica, uma vez que propõem de maneira prática a condução e revisão desta proposta pedagógica.

5º Encontro – 01 abr 2019, às 09h50

“Com o nariz sentimos os cheiros do mundo. Cheiros que passeiam pelos ares. O perfume das flores da mangueira nos traz o futuro. Então pensamos no sabor das

mangas já maduras. (...) O cheiro nos leva a sonhar com o mais longe.” (QUEIRÓS, 2009, p. 12-13)

Preparamos o ambiente com antecedência: balões amarelos com guizos em seu interior espalhados sobre o tatame verde.

Recebemos a turma, nesse dia, com 6 alunos. Convidamos a se sentarem ao chão, próximo à parede do lado oposto ao tatame e a ouvir um som diferente no ambiente ao qual não estavam acostumados a ouvir.

Uma brisa entrava pela porta adentro, movendo os balões, começando a revelar vagarosamente a presença deles (os guizos).

Aos 6 participantes do dia foi pedido que tentassem reconhecer o som, pois é um ruído, de certo modo, familiar ao cotidiano escolar dos mesmos, uma vez que todas as bolas que utilizam possuem esse recurso. Inicialmente, disseram que era um sino. Mas quando questionados novamente, responderam em coro: “- São guizos.”

Posteriormente, a próxima atividade do encontro: “O balão como prolongamento do corpo”. (BOAL, 2012, p. 121). A condução deste exercício ficou um pouco diferente ao registro no anexo. No início, cada aluno pegou um balão e passou a interagir com ele, jogando-o para cima de modo que ao descer tocava partes distintas de cada corpo naquele espaço. Empurravam o balão, davam tapas. Percebemos a preocupação de alguns com a iminência do estouro do balão, pois não queriam soltá-lo. Na sequência, foram divididos em dupla para que cada um tivesse uma ideia de distância e deixasse o balão mais à vontade, sendo 1 balão para cada dupla nesta atividade. O balão era jogado, sofria apertos e, às vezes, perdia-se no espaço, mas o barulho do guizo contribuía para que a dupla o recuperasse.

Na sequência, realizamos o exercício Música e dança (BOAL, 2012, p. 165). Trabalhamos com ritmos distintos com movimentos corporais diferentes: samba, maracatu, circo, música infantil. Variante: em dupla, improvisaram uma dança. Retornamos com os balões à atividade e ao final da última música, deviam estourá-los. O aluno Ômega não conseguiu realizar tal procedimento por medo do “boom”. No geral, demonstraram um bom padrão de variação de movimento corporal, apresentando um bom desenvolvimento de elementos corporais, como: fluência, interrupção, peso, flexão/extensão, tensão, lateralidade, direção e tônus muscular.

No final, fizemos a leitura dramática no momento “Senta aí... tá chegando história: Chapeuzinho Preto. Em seguida, houve a distribuição de suco de uma fruta mencionada na história para identificação: jabuticaba. Um verdadeiro frescor ao calor da manhã.

6º Encontro – 11 abr 2019, às 09h50

Neste último encontro, a turma estava particularmente agitada, apesar de haver apenas 6 integrantes. Talvez por termos tido uma mudança na rotina do dia dessa prática de intervenção pedagógica, pois no dia 08 houve uma atividade na escola em comemoração ao Dia do Braille, inviabilizando o encontro.

Iniciamos o encontro do dia com uma pergunta: Como vocês sabem qual é a cor das coisas?

A resposta parecia óbvia, mas apareceram as seguintes respostas: - “Eu sei.” - “A minha calça é vermelha e a minha blusa é azul.” E realmente, eram. A professora regente que vem acompanhando toda a intervenção e tem baixa visão, interveio: “Mas a gente não sabe qual é a cor só passando a mão na roupa. Alguém deve contar para vocês.” Então, o aluno Ômega que havia afirmado categoricamente que sabia, disse: - “A minha vó me conta.” Conforme aponta Queirós (2009, p. 6-7), “por meio dos sentidos suspeitamos o mundo”, uma vez que a relação entre os sentidos para uma efetiva interação com o mundo é requisitada a todo o momento. E vale pedir uma ajudinha de vez em quando...

Em seguida, iniciou-se a leitura da história “O Livro Negro das Cores”, de Menena Cottin. Um livro em tinta e braille que relaciona as cores com seres, comidas e objetos do cotidiano. “Ilustrações em relevo nos permitem experimentar várias texturas e nos desafia a recriar as cores, a pensar no cheiro, no som ou no sabor que cada uma delas pode ter”, conforme o site da editora Pallas (2011). Após a narração, cada aluno pode sentir as ilustrações em relevo. Além disso, alguns elementos que apareceram na história, como: morango, nuvens (algodão), folhas secas foram identificados por eles.

Alguns objetos usados em encontros anteriores foram reunidos para fazerem parte de um jogo de improvisação de contação de histórias pelos alunos: pneu, corda, chapéu de palha, cartola, pandeiro, bambolê, arco de cabeça com antena, balão. No primeiro momento, cada aluno se dirigiu até onde estavam todos os objetos citados e escolheu um deles, retornando ao lugar onde estavam assentados. Após essa escolha individual, foram divididos em duplas com os respectivos objetos, de modo que a ordenação deles ficou a seguinte: pandeiro e cartola; pneu e bambolê; arco de cabelo com antenas e espada.

Posteriormente, tiveram 5 minutos para um breve combinado por cada dupla. Após este tempo, cada dupla pode contar a história construída. Durante o processo de construção da cena e após a apresentação do produto, foram observados os seguintes pontos: dificuldade em dialogar com o colega para a elaboração de possibilidades de história e compreender o momento de cada um participar, tendendo a formação de histórias individuais. A temática de

todas as duplas foi a amizade entre os objetos, em que estes foram personificados e as narrativas tiveram um final feliz.

A aluna citada no primeiro encontro acerca da defensividade tátil se destacou ao usar o recurso vocal, apresentando um nível muito bom de continuidade, memória, fluidez, imaginação e criatividade em relação aos demais alunos. Com isso, demonstrando que “em cada sentido moram outros sentidos”, de acordo com Queirós (2009, p. 18-19). Embora, a aluna apresente dificuldade na interação através do tato (porém com progressos neste sentido nestes encontros), outros sentidos estão ativados para se relacionar com o ambiente, possibilitando oportunidades de sucesso.

Em seguida, o momento do Senta aí... tá chegando história”: “Chapeuzinho Branco” (TORERO; PIMENTA, 2010, p. 30). Por fim, o momento de identificação de alguns elementos presentes na história do dia. Os alunos tatearam o veludo de um colete e saborearam o suspiro. E que a doçura, a alegria e a leveza de ser criança nos acompanhem por toda a vida!

10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste trabalho de intervenção pedagógica proporcionou o foco no desenvolvimento do tato e audição, conforme planejado. No entanto, a participação dos demais sentidos remanescentes também teve o seu momento de protagonismo, uma vez que a interação entre eles é de suma importância no cotidiano de cada sujeito.

Quando a pessoa não possui uma deficiência sensorial aparente, alguns sentidos são menos percebidos, embora estejam envolvidos nas ações e reações no dia a dia. Isso acontece porque o sentido da visão ganha destaque por ter uma percepção macro e imediata do que a cerca.

Já na ausência de um ou mais sentidos, todo o organismo entra num processo de compensação para que o indivíduo possa continuar usufruindo de uma vida o mais confortável possível em relação com mundo.

A ideia de utilizar exercícios, jogos e narrativas literárias, bem como as sonoridades do cotidiano para contribuir no desenvolvimento da autonomia de crianças com deficiência visual na interação entre corpo e espaço, aponta também para a oferta aos professores de um arsenal de sugestões para o uso em sala de aula. Espera-se, com isso, que eles (professores) possam apresentar aos alunos uma variação maior de possibilidades no desenvolvimento de competências e habilidades por meio de recursos pedagógicos e artísticos, fomentando a

revisita a estes e outros elementos que poderão fortalecer o processo contínuo de aprendizagem.

Entendo que os objetivos tenham sido contemplados neste projeto, inclusive o relaxamento muscular e equilíbrio corporal ampliando a prontidão à participação, resultando na vontade de continuarem o processo de aprendizagem e desenvolvimento motor e cinestésico. Foram igualmente favorecidos os objetivos na relação entre as linguagens verbal e não verbal, bem como a interação entre movimento corporal e sons. Além disso, a prática frequente e dirigida na identificação de sons do cotidiano e o seu uso na cena por meio da criação, contação e escuta de histórias.

Ademais, (re)construir recursos, procedimentos e estratégias didáticas e pedagógicas que irão facilitar a ampliação das potencialidades e diminuição das barreiras de acessibilidade de alunos com deficiência visual, poderão favorecer a inclusão socioeducacional dos mesmos, reafirmando o direito à participação, interação e aprendizagem.

Diante do exposto, vale ressaltar que a falta de um ou mais sentidos não deve ser impedimento para serem apreciadas as habilidades, potencialidades e particularidades da pessoa com deficiência. Deve, sim, constituir um estímulo à vontade de praticar uma educação mais humana, embasada no respeito às diferenças, buscando romper com o *modus operandi* do sistema de produção capitalista que enfatiza a competitividade e nega o direito à diversidade.

11 – REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **Filosofia da Ciência: introdução ao jogo e suas regras**. São Paulo: Brasiliense, 1981, pp.26-27.

BOAL, Augusto. **Jogos para atores e não atores – 15ª ed.** - Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARVALHO, Janice G. e FERNANDES, Jorge Manuel G. A. **Um olhar sobre o corpo (do) cego**. Disponível em: <http://www.cbce.org.br/docs/cd/resumos/107.pdf> Acesso em: 12 dez 2018.

COTTIN, Menena. **O Livro Negro das Cores**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

GOLDENBERG, Mírian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais**. 8ª ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004.

LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus, 1978. 4ª ed.

LACERDA, Mariana. **Defensividade tátil – O que é?** Blog Na Pracinha – Vamos brincar lá fora. Disponível em: Acesso: 10 mar 2019.

MACHADO, Edileine V. et al. **Orientação e mobilidade: conhecimentos básicos para a inclusão da pessoa com deficiência visual**. Brasília: MEC, SEESP, 2003. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/ori_mobi.pdf. Acessado em: 12 dez 2018.

PIMENTA, Marcus Aurelius; TORERO, José Roberto;. **Chapeuzinhos Coloridos**. São Paulo: Companhia das Letrinhas.

PIMENTEL, Figueiredo; RABELO, Vitória;. **268 jogos infantis**. Vol. 1 – Belo Horizonte – Rio de Janeiro: Villa Rica, 1991.

QUEIRÓS, Bartolomeu C. **Os cinco sentidos**. – 3ª edição. São Paulo: Global, 2009.

TORRES, Josiane Pereira; SANTOS, Vivian. **Conhecendo a deficiência visual em seus aspectos legais, históricos e educacionais**. Revista Educação - Batatais/SP. Edição: v. 5, n. 2, jul./dez. 2015.

VANGELIS. Chariots of fire. In: **The definitive collection**. 1 CD. Faixa 3 (3 min 34). Disponível em: <https://www.letras.mus.br/vangelis/album:18312:3/#album:odissey-the-definitive-collection-2003>. Acesso: 19 abr. 2019.

Disponível em: http://www.pallaseditora.com.br/produto/O_livro_negro_das_cores/206/ Acesso em: 20 abr. 2019.

Disponível em: <http://cartaodevisita.r7.com/conteudo/11618/chapeuzinhos-coloridos-de-jos-roberto-torero-e-marcus-aurelius-pimenta>. Acesso em: 18 abr. 2019.

12 ANEXOS

ANEXO A - Transcrição dos exercícios e jogos

Livro: 268 jogos infantis, de Figueiredo Pimentel e Vitória Rabelo.

Cabra cega

Material: Um lenço

Formação: Crianças em círculo, dentro do qual fica uma de olhos vendados – a cabra cega.

Desenvolvimento: Diálogo entre a cabra cega e as crianças.

- Cabra cega, de onde vem?

– Do moinho do vento.

– O que trouxe?

– Fubá e melado.

– Dai-nos um pouquinho?

– Não.

As crianças deixarão as mãos e, espalhadas pelo campo, fugirão à cabra cega, desafiando-a por vezes; esta, ouvindo-as, tentará pegá-las. Quando conseguir tocar alguma, tirará a venda e escolherá um substituto para reiniciar o jogo.

Bom dia

Formação: De mãos dadas, as crianças formam um círculo. No interior deste permanecerá um jogador com os olhos vendados.

Desenvolvimento: Rodará o círculo para a direita ou para a esquerda.

Em dado momento, o jogador do centro bate com o pé no chão e os demais estacionam. Aquele, então, apontará para o círculo e o jogador indicado dirá: “Bom dia!” O do centro terá que o reconhecer pela voz, proclamando o seu nome. Caso erre, ainda gozará do direito de apresentar mais dois nomes. Acertando, o que for apontado ocupará o centro e o outro o substituirá na roda; do contrário, o jogo prosseguirá até que o do meio, fazendo novamente parar o círculo, mencione acertadamente o nome de um companheiro.

Variante

- 1) O mesmo jogo poderá ser dado visando o desenvolvimento do tato. O jogador indicado aproxima-se do que tiver os olhos vendados e este, apalpando-o, procurará reconhecê-lo.
- 2) Animal – O jogador designado pelo do centro imitará o som produzido por um animal qualquer: latido, miado, etc.

Livro: Jogos para atores e não atores, de Augusto Boal

Descobrir o objeto

Com os olhos tapados e as mãos para trás, utilizando todas as outras partes do corpo, o ator tocará e procurará descobrir qual o objeto lhe é apresentado: cadeira, lapiseira, copo, folha de papel, flor, etc. Este exercício estimula intensamente a sensibilidade de todas as partes do corpo que se relacionam com o objeto.

Variante

Descobrir o rosto dos outros: quem é?

Dividir o movimento

Divide-se, em partes, um movimento contínuo (andar, por exemplo): Primeiro, uma perna, pausa; depois o braço, pausa; a outra perna, pausa... e assim por diante.

Corrida em câmara lenta

Ganha o último a chegar. Uma vez iniciada a corrida, os atores não poderão interromper seus movimentos, que deverão ser executados o mais lentamente possível. Cada corredor deverá alongar as pernas ao máximo a cada passo. O pé para passar adiante da outra perna deve passar sempre acima da altura do joelho. É preciso que o ator, ao avançar, estique bem o seu corpo, porque com esse movimento o pé vai romper o equilíbrio e, a cada centímetro que caminhar, uma nova estrutura muscular vai se organizar, instintivamente, ativando certos músculos adormecidos. Quando o pé bater no chão, deve-se ouvir o barulho. Imediatamente, o outro pé se levantará. Esse exercício, que demanda um grande equilíbrio, estimula todos os músculos do corpo. Outra regra: os dois pés jamais poderão estar ao mesmo tempo no chão. Desde que o pé direito esteja pousado, o pé esquerdo deve subir, e vice-versa. Sempre um só pé no chão.

O balão como prolongamento do corpo

O diretor joga dois, três, muitos balões em direção aos atores, que devem mantê-los no alto, tocando-os com qualquer parte de seus corpos, como se seus corpos fossem parte dos balões que estão tocando; devem se encher de ar e tentar flutuar como se fossem balões.

ANEXO B - Sinopse e transcrição das histórias

Livro: *Chapeuzinhos Coloridos*, de José Roberto Torero e Marcus Aurélius Pimenta

Chapeuzinhos Coloridos transgredir o conto de fadas da menina, sua avó e um lobo mau. (...) Seis diferentes netas aparecem em cena, com personalidades bastante variadas daquela menina boa, que vai levar doces para a avó na floresta. Nesta história, seis diferentes meninas, com seis diferentes cores de chapéu (lilás, azul, verde, branco, preto e laranja) visitam a avó.

A *Chapeuzinho Verde*, por exemplo, é ambiciosa, faz tudo por dinheiro, venderia a torta que leva para a avó para ganhar uns trocados. A *Lilás* quer ser famosa, não leva doces para sua avó, mas sim revistas de fofoca, e seu programa predileto é ver novela. A *Laranja* é gulosa, come muito, sempre, e a *Azul* engana o Lobo para que sua avó possa cozinhá-lo. A *Chapeuzinho Branco* é triste, porque ficou órfã de pai, mas em uma reviravolta do enredo, a felicidade volta a reinar, quando sua mãe se casa com o caçador. Por fim, a *Chapeuzinho Preto* que mostra a questão da morte e da passagem do tempo.

Livro: *O Livro Negro das Cores*, de Menena Cottin

Segundo Tomás, o amarelo tem gostinho de mostarda, mas é macio como as penas dos pintinhos.

O vermelho é azedinho como o morango e doce como a melancia, mas dói quando aparece no joelho machucado.

O marron faz barulhinho embaixo dos pés da gente quando as folhas estão secas. Às vezes tem cheiro de chocolate; às vezes tem um cheiro muito ruim.

Tomás diz que azul é a cor do céu quando o sol esquentar a cabeça da gente.

Mas se as nuvens resolvem esconder o sol, o céu fica branco, branco, e começa a chover.

E se o sol resolve dar uma olhadinha na água que cai, todas as cores aparecem para pintar um arco-íris.

Para Tomás, a água sem sol não tem muita graça: não tem cor, não tem cheiro, não tem gosto.

Ele diz que o verde cheira a grama recém-cortada e tem gostinho de sorvete de limão.

O preto é o rei de todas as cores. É macio como a seda do cabelo da mamãe quando ela abraça a gente.

Tomás gosta de todas as cores: ele as escuta e toca, sente o gosto e o cheiro delas.

ANEXO C - Fotos do espaço e material utilizado





